

### FICHA TÉCNICA

**Texto:** Manuel Nunes  
**Fotografia:** Jorge Nunes  
**Versão:** Portuguesa  
**N.º de páginas:** 160 pp.  
**Formato:** 25 cm X 32 cm  
**Acabamento:** Capa dura revestida a tela, com sobrecapa a cores e plastificada  
**ISBN:** 978-972-797-145-9  
**EAN:** 9789727971459  
**PVP:** 50 € + 5% IVA = 52,50 €

**Data de Publicação:**  
**Setembro de 2007**

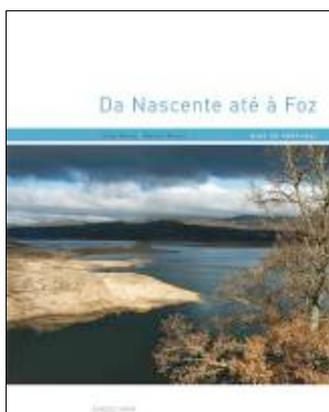
**Medialivros, S.A.**  
Edições **INAPA** – Campo de Santa Clara, 160  
C-D - 1100-475 Lisboa  
Tel.: 218 855 030 . Fax: 218 885 167  
[.info.geral@medialivros.pt](mailto:info.geral@medialivros.pt)  
[www.medialivros.pt](http://www.medialivros.pt)

## PELOS TRILHOS DE PORTUGAL

«Houve um tempo, antes das estradas de alcatrão, dos automóveis e das viagens contadas ao minuto, em que o país, encolhido na sua pequenez, se firmou à roda de uma ideia revolucionária: veios de ferro que ligariam, entre si, as paisagens mais distantes da terra lusa».

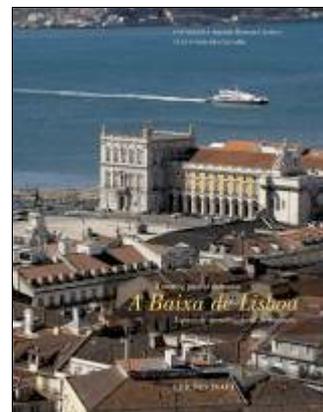
Assim se referem os autores à epopeia dos caminhos-de-ferro que a partir da segunda metade do século XIX redesenhou as paisagens do território português, atravessando montanhas e rasgando vales, traçando trilhos de viagens aqui percorridos pelo olhar actual de Jorge Nunes e Manuel Nunes.

### OUTROS TÍTULOS DA COLECÇÃO *ESPÍRITO DO LUGAR*



### DA NASCENTE ATÉ À FOZ RIOS DE PORTUGAL

**Manuel Nunes**  
**Jorge Nunes**



PELOS

JORGE NUNES # MANUEL NUNES

# trilhos

DE PORTUGAL



**PELOS TRILHOS DE PORTUGAL**





JORGE NUNES # MANUEL NUNES

riños

**TEXTO**  
MANUEL NUNES

**FOTOGRAFIA**  
JORGE NUNES

**COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO**  
ANA DE ALBUQUERQUE

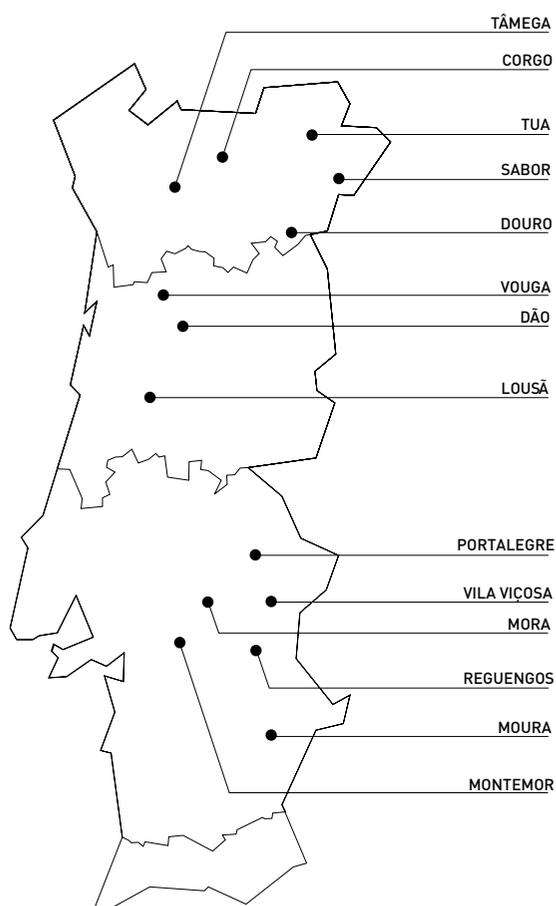
**DESIGN GRÁFICO E PRÉ-IMPRESSÃO**  
PO6 - ATELIER, AMBIENTES E COMUNICAÇÃO, LDA. WWW.  
P-06-ATELIER.PT

**REVISÃO**  
BENEDITA ROLO

**IMPRESSÃO**  
TIPOGRAFIA PERES, S. A.

**ISBN**  
978-972-797-145-9

**DEPÓSITO LEGAL**



#### Agradecimento

Expressamos o nosso especial agradecimento à REFER EP, que gentilmente autorizou a reprodução das imagens relativas à rede ferroviária nacional.

#### EDIÇÃO

© MEDIALIVROS, ACTIVIDADES EDITORIAIS, SA - 2007  
CAMPO DE SANTA CLARA, 160 C-D  
1100-475 LISBOA - PORTUGAL  
TEL.: 218 855 030 FAX: 218 885 167  
E-MAIL: INFO.GERAL@EDICOESINAPA.PT  
WWW.EDICOESINAPA.COM



## ÍNDICE

Introdução

### Linhas Norte

**Linha do Sabor** \_ Os dias do planalto

**Linha do Corgo** \_ O caminho das serras

**Linha do Tua** \_ Viagem ao fim da linha

**Linha do Tâmega** \_ À sombra da Cabreira

**Linha do Douro** \_ Na esteira do grande rio

### Linhas Centro

**Linha do Vouga** \_ Visitações do «Vouguinha»

**Linha do Dão** \_ Histórias de Lafões

**Linha da Lousã** \_ Ao encontro da serra

### Linhas Sul

**Ramal de Portalegre** \_ Onde o Alentejo acaba

**Ramal de Mora** \_ Segredos da planície

**Ramal de Montemor-o-Novo** \_ Retratos de um outro Alentejo

**Ramal de Vila Viçosa** \_ No trilho das canadas

**Ramal de Reguengos** \_ Memórias da terra

**Ramal de Moura** \_ Crónicas de além Guadiana

Bibliografia

# 01 02 03





Houve um tempo, antes das estradas de alcatrão, dos automóveis e das viagens contadas ao minuto, em que o país, encolhido na sua pequenez, se firmou à roda de uma ideia revolucionária: veios de ferro que ligariam, entre si, as paisagens mais distantes da terra lusa. Foi um tempo de visionários, aventureiros sonhadores que lograram vaticinar um país novo, sulcado de caminhos que se viajassem depressa, sem buracos, sem lama, sem desconfortos, sem assaltos e sem intermináveis delongas à espera da hora de aportar a uma qualquer cidade ou vila deste rectângulo incaracterístico plantado na extrema do Velho Mundo, à beira do Atlântico. E foi pelo sonho que caminharam. Rasgaram vales, atravessaram montanhas e cortaram ao meio planuras. Quiseram trazer ao Portugal do antigamente os primeiros sinais do progresso que a Europa, depois da revolução do vapor, experimentava agora, a toda a pressa. Devagar primeiro, mais depressa depois, à medida que as vozes críticas se foram silenciando e a desconfiança dos contestatários dos «cavalos-de-ferro» esmorecia, o caminho-de-ferro acabou por ser elevado à condição de desígnio nacional a partir da segunda metade da centúria de Oitocentos. Os avanços foram lentos, mas 50 anos volvidos, o país semeava-se de pontes, túneis, estações e apeadeiros que recebiam, às vezes em ermos, o lento caminhar das composições apinhadas de gente e mercadorias atreladas às locomotivas que se moviam à força do carvão. Por todo o país, casas soltas ou aldeias inteiras, cresceram na exacta medida dos comboios que passavam, ou das linhas que se abriram em novos troços. Disputavam-se os traçados do caminho-de-ferro a construir como se dele dependesse a sobrevivência de cada terra, tal a imperiosa necessidade de se ligar o norte ao sul, o litoral ao interior. E assim, paulatinamente, as velhas artes de viandança foram-se apagando: os almocreves, a mala-posta, as estradas de macadame e até os vapores, nobres sucedâneos das embarcações de cabotagem à vela, acabaram por se perder, depois de anos em piedosa agonia.



Foi assim durante décadas. Uma após outra, gerações de minhotos, transmontanos, beirões e alentejanos, gente arreigada à terra, viveu e conviveu paredes-meias com o caminho-de-ferro. Habituarão-se a dele depender e com ele partilhar a solidão da terra, a ponto de lhe dedicarem canções, de lhe escreverem versos, ou de lhe gravarem na pedra, e a cinzel, os contornos metálicos. Não era um tempo feliz – o país nunca foi feliz – mas era um tempo de particular harmonia na disposição da paisagem rural portuguesa que, de outra forma, se haveria de quedar, pelo interior, ora serrano ora plano, vazio de gente.

Mas tal como veio, o caminho-de-ferro, haveria de acabar para muitas dessas populações, primeiro forçadas a com ele viver, depois obrigadas a dele se despegar. Os anos 80 e 90 do século XX trouxeram outros desígnios que, simplesmente, não cabiam na bitola de um mero caminho assente em ferro. Lenta mas inexoravelmente, uma após outra, as linhas que se rasgaram ao encontro do *hinterlanda* português foram sendo suprimidas. Centenas de quilómetros de caminhos-de-ferro foram abandonadas aos humores do tempo. Aos dias sucederam os meses e estes anteciparam os anos que se adiantaram em estações, às vezes clementes, às vezes tempestivas, soltando os elementos para assolarem as sobras do país dos comboios.



Vinte anos depois, mudado, o país ainda não sarou as feridas deixadas pelo encerramento das linhas de caminho-de-ferro. Talvez lhe falte outro tanto de tempo para lamber as chagas abertas, para esconjurar os medos e apagar os ressentimentos. Ou talvez não. Por isso, e por tanto mais, mas sobretudo, por elas, as velhas e as mais das vezes esquecidas e desconhecidas linhas desactivadas, voltamos, à estrada, de mochila às costas, para visitar esse Portugal de sempre. Curiosos, talvez nostálgicos, mas sobretudo sôfregos dos lugares e das paisagens sobre as quais se continua a escrever a preciosa história natural da terra lusa, fizemo-nos caminhheiros do país dos comboios. Queríamos, uma derradeira vez, saborear os vestígios desse tempo de gloriosa epopeia construtiva, em que homens e máquinas, sem que *Fortuna* sequer lhes ousasse tal destino revelar, se converteram nos excelsos obreiros de algum dos mais bonitos e bucólicos pedaços de chão português. Por necessidade, fomos ferroviários. Por gosto, a tudo o resto vestimos a pele. A pé, sempre a pé, percorremos os lugares das antigas linhas e sondámos, com jeito, os derradeiros vestígios de uma era de prosperidade, quando os carris e as traves de madeira, arquitectadas em rectilíneo traçado de caminho-de-ferro, ainda rivalizavam com o virtuosismo dos traçados em macadame. Se não pelos comboios, os de antigamente, hoje mais lembrança imaterial que verdadeiras máquinas de «carne e osso» rompendo em apito a quietude das paisagens, foi pelas linhas, ou pelo que delas sobra, agora que natureza lhes reclamou pesado tributo que se calca com prazer e emoção, que esta viagem, afinal, se fez.



ramal de

# MOURA

## Crónicas de além-Guadiana

É UMA VIAGEM SEM PRINCÍPIO NEM FIM. COMEÇA-SE E ACABA-SE ONDE O GUADIANA SE TRAÇA, LENTO, ENTRE AZUIS E ESVERDEADOS PARDACENTOS QUE SE AGIGANTAM POR BARRANCOS E CABEÇOS BOLEADOS, ATÉ EMERGIR, EM PAISAGEM DE ENCANTAMENTO E LUZ, QUE O CAMINHO-DE-FERRO, DESERTO, ACOMPANHA E VINCA SOB AS TRAVES CARCOMIDAS E OS TRILHOS ENFERRUJADOS ESGANADOS DE ERVA. É COMO SE O GUADIANA E A LINHA, DADAS AS MÃOS, NÃO MAIS SE QUISESSEM SEPARAR ENQUANTO SE VÃO PERDENDO TERRA ADENTRO, RUMO A *Pax Julia*, A ROMANA, OU A MOURA, A MOURISCA. PELO MEIO, DE ALÉM-GUADIANA, DEITAM-SE OLHOS GRANDES AO CORAÇÃO DA TERRA ARDENTE ONDE A ADIÇA, ENCALHADA NUM MAR DE PLAINOS, É FAROL QUE SE FAZ GUIA NA VIAGEM PELOS REDUTOS SELVAGENS DO DERRADEIRO ALENTEJO RAIANO.

O forasteiro fez-se a Beja cheio de nobres intenções. Chegou mesmo a jurar de si para consigo: «Mal chegue, meto-me ao caminho-de-ferro.» Mas a carne é fraca e antes sequer de aportar a Beja já a jura se desfizera em caminhos poeirentos e olhos arregalados às ruínas de São Cucufate. Foi em Vila de Frades que o estigma arqueológico lhe ensombrou a viagem e toldou o fito que trazia posto na velha *Pax Iulia*, a romana sede do Convento *Pacensis*. O forasteiro gosta de ruínas, está no seu direito. Perdoa-se-lhe, por isso, se a Beja não for. Há-de ir directo ao Baleizão ou a Quinto, às estações, talvez em ruínas, que acomodavam a antiga linha que, entre Beja e Moura, se fazia em hora e pouco de viagem desassossegada, no correr manso do Guadiana. Por ora, colocado o anel de cidadão e com a toga a preceito, o forasteiro, faz-se convidado na *villa* de São Cucufate. Implantada numa leve colina, às portas de Vila de Frades, São Cucufate é um deserto de gente às primeiras horas da manhã. Sozinho, o forasteiro sente-se dono das paredes que se erguem em dois imponentes corpos laterais com robustos contrafortes, unidos por uma sucessão de arcadas em tijolo, sobre os quais assentaria o andar superior com a zona residencial, de onde os abastados concidadãos deste forasteiro teriam vista soberba sobre a imponente arquitectura da *pars urbana* e toda a extensão da *pars rustica*. Talvez fosse nesse pátio sobrelevado e aberto aos céus quentes da Lusitânia, ali mesmo paredes-meias com o vale do *Anas*, que se realizassem as festividades familiares, com repastos em final de tarde de estio, quando as cigarras, em delírio, entoassem os seus cantos metálicos, e o bafo quente da terra se diluísse sob os arvoredos projectados pelas colinas.





Reclinados em confortáveis leitos almofadados, enxameados de escravos solícitos que serviam pão de ervas finas, fatias de carne e generosas porções de *garum* retirado das ânforas que se faziam chegar das melhores lojas de Roma, talvez os convivas se entretivessem a dissecar as notícias chegadas de Roma ou a acertar os negócios das colheitas enquanto debicavam as azeitonas curtidas nas talhas de barro e bebericavam o vinho da casa, feito nos lagares e religiosamente guardado nos *dolia* que se acondicionavam nas *cellas vinarias*. E enquanto viaja no tempo, o forasteiro, de nariz no ar, quer à força acercar-se das vistas de outrora. Entra na moderna escadaria tubular e desagua nas alturas da *villa*. Mesmo não sendo este o mesmo Alentejo de então, é um deslumbre tal de paisagem que custa a crer. Os campos infindáveis, as oliveiras incontáveis, mais os freixos pelas linhas de água e os sobreiros bordados em forma de cogumelo à roda dos caminhos de terra que se projectam em torno da casa apalaçada, são traços que o forasteiro, ainda cidadão, não olvidará tão cedo. Mais a mais, porque lhe falta tanto de Alentejo por caminhar, como Roma para saber. E se há país romano, é-o aqui, na planura, onde os montes, sucedâneos das antigas propriedades latifundiárias romanas, se converteram na memória das gentes do *Latia*.



A manhã adiantou-se. Devagar o *fundus* de olivais e matagais que cercam a *villa* erigida entre os séculos II e IV d.C. converte-se em terreno de passeatas e falatório. Até os bichos, que às primeiras horas da manhã alavam de um lado para o outro, num frenesim desconcertado, como se fosse este o dia do fim, se quedam mortiços e calados ante a multidão que aporta. Saciado de ruínas, o forasteiro faz-se à estrada. Esperam-no 59 quilómetros de carris e travessas de madeira, retratos de um Alentejo diferente daquele da Antiguidade Clássica, mas nem por isso distante dela, e que o forasteiro jurou levar a termo antes que *Aprilis* se finasse. Aliás, caminhar as traves significa, não raras vezes, caminhar os próprios caminhos de pedra e saibro que, à medida que a terra se fazia romana, foram sendo semeados pela planura. É como se os ferroviários do século XIX e XX, cientes das antigas obras de engenharia romana, as tivessem querido perpetuar sob o desígnio dos novos senhores da planície: «os cavalos de ferro».

O forasteiro apresentou-se à linha que de Beja sobe às terras de Moura na Estação de Baleizão. Para trás, deixou uma mão-cheia de apeadeiros. Não é que os não considerasse dignos de visita mas, ruína por ruína, sempre prefere a das estações à dos apeadeiros, que se em vida já pouco tinham por que alguém se demorar, agora, depois de mortos, não hão-de ser mais que migalhas de terra e cal perdidas na imensa paisagem que se começa a descobrir mal se relega os arrabaldes de Beja.

Baleizão é ruína, disso não se faz dúvida. Não é de grandes encantos, mas toca por se plantar em ermo distante de tudo, até das gentes de Baleizão que haveria de ter servido mais, não se dera o infortúnio de Baleizão, uns séculos mais cedo que a linha, se ter plantado num promontório a que o comboio nem com boa vontade haveria algum dia de lograr subir. E assim se ditou triste poiso para estação que hoje, mais que ruína, é porta aberta sobre a paisagem que a pé se descobre. E se outra razão não houvesse para que os pés, suprema dádiva da evolução, se metessem pelas travessas e rasgassem caminho entre a erva alta e os arbustos que, devagar, mas com firmeza, à linha se vão cosendo, decerto que a promessa do muito que há por ver tudo haveria de justificar.

Caminhe-se então.

O forasteiro não é dado a melancolias. Sobretudo quando leva na bagagem todas as promessas deste Alentejo: o Guadiana lento e pesado, encaixado entre cabeços que escorrem, prenes de vida selvagem, até aos açudes dos moinhos, onde cardumes de escalos, bogas e barbos se acantonam; as colinas levemente onduladas, vazias de árvores, que se calcam com a mesma delicadeza com que o tartaranhão-caçador as sobrevoa; e as vastas e infindáveis tiras de planura cerealífera, verdadeiro mosaico de searas, restolhos, pousios e pastagens, lar dos raros dignatários alados das estepes, como o sisão, a abertarda, a calhandra-real, o alcarvão e a cortiçol-de-barriga-preta. Mas quando aporta a um monte arruinado, sem nome nem memória que se possa ler, o forasteiro queda-se meditando. Depois de São Cucufate, nunca mais olhou o monte apenas como monte, até porque, como realçou Natália Vermelho: «A *villa* romana, com todas as suas características de grande propriedade agrícola, deu origem a uma instituição que se manteve no Alentejo ao longo dos séculos: o monte.» Por isso, sempre que sobe a colina para espreitar o monte, o forasteiro sente-se, na realidade, a subir os degraus da história para bisbilhotar os traços antigos do *modus vivendi*. Ainda que céptico a princípio, o forasteiro não tardou a deixar-se convencer da paridade histórica entre uma e outra instituição. No monte, é sabido que a casa principal serve de residência ao proprietário, feitor ou rendeiro e que nas instalações adjuntas vive o pessoal permanente e situam-se as arrecadações, o forno do pão, a queijaria, celeiros, estábulos, pocilgas e tudo o mais que à lavoura pertença. Na *villa*, no meio da propriedade, escreveu Jorge Alarcão, «erguia-se a residência senhorial *pars urbana*; junto dela ficava a *pars rustica*, que englobava as instalações dos criados, domésticos ou de lavoura, o celeiro, o lagar, a adega, os estábulos – enfim todos os edifícios necessários a uma exploração que se pretendia o mais possível auto-suficiente e que, por isso mesmo, muitas vezes incluía até oficinas metalúrgicas para fabrico ou reparação de alfaias».



A pé, qual peregrino de um tempo perdido, sem vivalma por companhia mas com a braveza de todo o Alentejo a roçar-lhe os pés, o forasteiro chega à Estação de Quintos. Uma mão-cheia de casas, aninhadas ao lado de um regato que talvez nunca tenha chegado a levar água, e um nunca mais acabar de colinas, carregadas de hercúleas quantidades de pétalas, num desabrochar uníssono que se estende a toda a largueza da terra que se enterra pelos olhos dentro, é o cenário que se alcança da estação em decomposição. Sobre ela, uma procissão multicolor de abelharucos faz-se a oriente, rumo ao vale do grande rio do sul, onde o forasteiro também há-de aportar. Até lá, e porque Quintos é terra de flores e florezinhas floridas em floreados rebuscados que se guarda mas não se escreve, o forasteiro, que não tem pretensões ao lugar de jardineiro deste éden, refaz os votos de ferroviário pobre e casto e adianta-se no caminho do Guadiana.





A ponte ferroviária, que em ângulo atípico se atravessa sobre a corrente barrenta do Guadiana, conquanto obra curiosa de se ver, não é diferente de tantas outras que se espalham pelo país dos comboios. O que a converte em visão rara e soberba, que quanto mais se delonga mais apetece alongar, é o Guadiana. Sobretudo quando a Primavera vai alta e o Verão, carregado de humores quentes e sufocantes que hão-de cozer o chão e pintá-lo de dourados baços, ainda não passa de uma promessa distante. Na verdade, haverá poucos lugares assim, aqui ou no outro lado do mundo. Olhe-se como ou para onde se olhar, é a terra farta de vida selvagem que imediatamente se agarra aos sentidos. O miradouro pode ser qualquer lugar. O pátio da estação que se baptizou de Guadiana, o rebordo alteado da ponte, os rochedos da encosta coberta de matagal ou os freixiais das margens largas e baixas onde a correnteza se represe em açudes que alimentam moinhos de água que são um encanto de arquitectura. E o que ver não falta. As aves, como a garça-branca-pequena, a garça-boieira, a cegonha, o guarda-rios, o pato-bravo, o maçarico-das-rochas, e toda a sorte de pequenos passeriformes que se alcovitam na galeria ripícola; os répteis, como a cobra-d'água-de-colar e viperina, os cágados-de-carapaça-estriada e mediterrânico que se espraiam ao sol; e os anfíbios, de que as rãs, as relas-meridionais, o sapo-corredor, o sapo-comum e o tritão-marmorado são os mais ubíquos representantes. Mas há mais. Tanto que uma mão-cheia de dias não bastaria para se caminhar de lés a lés os meros 4 quilómetros que a linha-férrea do Ramal de Moura percorre pelas margens do Guadiana, ali mesmo às portas da surpreendente vila museu de Serpa. De bom grado o forasteiro se deixaria aqui ficar para expiar os pecados da linha que nos primórdios de 1990 se mandou fechar. Mas falta-lhe linha por correr e se não atenta, *Aprilis* finda-se antes que a jura se cumpra.

Os dias correram céleres. Uns atrás dos outros, sempre em geometral andança que se foi medindo pelo passo certo das traves. Serpa-Brinches, Pias, Pipa e Machados fizeram-se contas de um terço de estações destróçadas e apeadeiros demolidos e engolidos pela vegetação que, em via-sacra entristecida, o forasteiro demandou até ao último dia de Abril.

Moura, com os seus jardins frescos por onde alastra a luz ardente da tarde que se finda, veio no fim. O forasteiro bem que a queria bela e arrumada, mas encontrou-a mais ruína arqueológica que estação de fim de linha. Não se desencantou. Conhece bem demais o país dos comboios para se desiludir à toa. Ao invés, arma-se marinheiro dos plainos que ondulam em vagas plácidas e arremete terra adentro na derrota da raia para um último vislumbre das terras de além-Guadiana.

Aporta à serra da Adiça em menos de nada. O vento favorável arrastou-o num instante de tempo que mal se deu por passar. Larga ferro e escala-a. Há-de ascender aos fantásticos matagais de altitude há muito arregaçados do sopé das encostas pelos olivais que se plantaram serra fora. Vai e arriba aos 522 metros do Ficalho.

Do alto, qual navio enclhado no meio do Alentejo, a serra é mirante que aponta a poente, ao mar de água que o navio feito serra nunca há-de ver. Mais ao pé, o Guadiana é um risco esverdeado que serpenteia, marcado na terra lisa. A linha não se vê, mas adivinha-se: um traço negro e rectilíneo, rabiscado a régua e esquadro na paisagem. A marca dos homens na terra bravia e crua.





### **Rela-meridional**

EMBORA DE DIMENSÕES MODESTAS QUANDO COMPARADA COM OUTROS ANUROS DA FAUNA PORTUGUESA, NOMEADAMENTE O SAPO-COMUM, A RELA-MERIDIONAL (*Hyla meridionalis*), UM ANFÍBIO DA FAMÍLIA *HYLIDAE*, DE HÁBITOS CREPUSCULARES E NOCTURNOS, APRESENTA UM CONJUNTO DE CARACTERÍSTICAS QUE A EVIDENCIAM E TORNAM PECULIAR NO SEIO DA COMUNIDADE DE ANFÍBIOS QUE HABITA O VALE DO GUADIANA. SEMELHANTE À SUA CONGÉNERE RELA-COMUM (*Hyla arborea*), COM A QUAL É SIMPÁTRICA EM ALGUNS LOCAIS DO CENTRO-SUL DO PAÍS, A RELA-MERIDIONAL DIFERE DESTA ESPÉCIE PORQUE APRESENTA A BANDA ESCURA LATERAL SÓ ATÉ ÀS EXTREMIDADES ANTERIORES, AO CONTRÁRIO DAQUELA QUE APRESENTA A BANDA ESCURA LATERAL ATÉ ÀS EXTREMIDADES POSTERIORES. PARA ALÉM DE EVIDENCIAR NOTÁVEIS CAPACIDADES TREPADORAS, FACTO QUE SE DEVE À EXISTÊNCIA DE DISCOS ADESIVOS NAS EXTREMIDADES DOS DEDOS, A RELA DESTACA-SE DAS DEMAIS ESPÉCIES DE ANFÍBIOS PELA SUA EXTRAORDINÁRIA CAPACIDADE DE MIMETISMO. GRAÇAS A UMA COLORAÇÃO VARIÁVEL, QUE PODE IR DO VERDE BRILHANTE AO AMARELO OU CASTANHO, A RELA RARAMENTE É OBSERVADA DURANTE O DIA, UMA VEZ QUE UTILIZA COMO PRINCIPAL MECANISMO DE DEFESA A CAPACIDADE DE SE CONFUNDIR COM O MEIO QUE A RODEIA, REFUGIANDO-SE, PARA O EFEITO, ENTRE A VEGETAÇÃO HERBÁCEA OU ARBUSTIVA NA PROXIMIDADE DE CURSOS DE ÁGUA, ONDE A SUA COLORAÇÃO A TORNA PRATICAMENTE INVISÍVEL. NA REGIÃO DO TEJO, A RELA OCUPA MASSAS DE ÁGUA DE MENORES DIMENSÕES E COM CARÁCTER PERMANENTE, DESIGNADAMENTE AS REPRESAS DE REGA, OS AÇUDES E ATÉ OS CHARCOS DE ÁGUA PARA O GADO, DESDE QUE PROVIDOS DE ABUNDANTE VEGETAÇÃO. DURANTE O PERÍODO DE ACASALAMENTO (FEVEREIRO A MAIO) OS MACHOS SÃO OS PRIMEIROS A MIGRAR PARA OS LOCAIS DE REPRODUÇÃO ONDE SE JUNTAM PARA CANTAR EM CORO FAZENDO, PARA O EFEITO, USO DO SACO VOCAL, ELEMENTO ALIÁS BEM VISÍVEL NOS MACHOS SOB A FORMA DE NUMEROSAS PREGAS AMARELADAS NA REGIÃO DA GARGANTA, ATRAVÉS DO QUAL PRODUZEM O CANTO SEXUAL. O AMPLEJO É AXILAR E A POSTURA OCORRE DENTRO DE ÁGUA ONDE A FÊMEA DEPOSITA ATÉ UM MILHAR DE OVOS.